

# NOVA CAMBUQUIRA: A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE DE RESISTÊNCIA À EXPLORAÇÃO DAS ÁGUAS NO SUL DE MINAS GERAIS

## RESUMO

A partir do entendimento de que os discursos são modos de construção de identidades buscamos descrever a construção de uma identidade de resistência à exploração das águas no Sul de Minas Gerais, a saber, a organização da sociedade civil Nova Cambuquira. A pesquisa é descritiva e qualitativa. Os dados foram coletados por meio de pesquisa bibliográfica e documental, observação participante e entrevista. A análise foi realizada por meio do significado identificacional do discurso. A Nova Cambuquira foi criada em 2001 e surgiu em um momento em que se combatia os processos de privatização das águas minerais, especialmente, a partir do caso de São Lourenço envolvendo a multinacional Nestlé. Com a pesquisa identificamos que a Nova Cambuquira se constituiu prioritariamente de uma identidade de resistência. No entanto, uma identidade de resistência também se torna uma identidade de “projeto” como foi o caso da organização. Isso fica claro quando a atuação ONG Nova Cambuquira, atualmente, vai muito além de resistir aos editais de exploração das águas minerais e desenvolve práticas de responsabilidade socioambiental, de controle social, de desenvolvimento sustentável e segurança hídrica. Por fim, nos processos de identificação existe um “outro” externo que molda os contornos da Nova Cambuquira: a CODEMGE, as empresas engarrafadoras e qualquer ator social (público, privado ou da sociedade civil) que considera as águas minerais como apenas uma mercadoria.

**Palavras-chave:** Identidade. Análise de Discurso Crítica. Resistência. Conflitos hídricos. Sociedade Civil.

## NOVA CAMBUQUIRA: THE CONSTRUCTION OF AN IDENTITY OF RESISTANCE TO THE EXPLORATION OF WATERS IN THE SOUTH OF MINAS GERAIS

## ABSTRACT

Based on the understanding that speeches are ways of building identities, we seek to describe the construction of an identity of resistance to the exploitation of waters in the south of Minas Gerais, namely, the civil society organization Nova Cambuquira. The research is descriptive and qualitative. Data were collected through bibliographic and documentary research, participant observation and interview. The analysis was carried out through the identificational meaning of the speech. Nova Cambuquira was created in 2001 and came at a time when the privatization processes of mineral waters were being fought, especially from the case of São Lourenço involving the multinational Nestlé. With

the research we identified that Nova Cambuquira was constituted primarily by an identity of resistance. However, a resistance identity also becomes a “project” identity as was the case with the organization. This is clear when the work of the NGO Nova Cambuquira, today, goes far beyond resisting calls for mineral water exploration and develops practices of socio-environmental responsibility, social control, sustainable development and water security. Finally, in the identification processes, there is an external “other” that shapes the contours of Nova Cambuquira: CODEMGE, bottling companies and any social actor (public, private or civil society) that considers mineral waters as just a commodity.

**Keywords:** Identity. Critical Discourse Analysis. Resistance. Water conflicts. Civil Society.

---

---

## 1. INTRODUÇÃO

As águas estão presentes em diversos conflitos socioambientais em todo o mundo. As águas minerais também participam destes conflitos, como os presentes no Circuito das Águas de Minas Gerais. Nessa região, existe uma “diversidade de conflitos e disputas em torno das águas minerais que decorrem dos diferentes modos de representar, gerir e co-viver com bens naturais” (ALCÂNTARA, 2018, p. 185). Em destaque, conflitos gerados nas disputas contra a privatização das águas e processos insustentáveis de exploração das águas minerais à exaustão.

O Circuito das Águas “delimita municípios localizados no Sul de Minas Gerais, uma região turística que possui uma longa história com as águas minerais”, e, é “um espaço simbólico, primeiramente pela questão da valorização das águas minerais como medicinais, construtora de identidades, bem cultural e fonte de identificação” (ALCÂNTARA, 2018, p. 185). Na região os usos das águas são os mais diversos: engarrafamento, uso medicinal, atividades turísticas, uso comum, entre outras. Os

são evidentes nos municípios de Lambari, Caxambu e Cambuquira, e envolvem empresas, organizações da sociedade civil, Poder Público local, moradores, Companhia de Desenvolvimento Econômico de Minas Gerais (CODEMIG) e Ministério Público.

Nesses conflitos uma das organizações mais presentes é a Nova Cambuquira, organização da sociedade civil de Cambuquira, Minas Gerais. Ela foi fundada em 2001 e tem como missão promover a defesa de bens e direitos sociais, coletivos e difusos relativos ao meio ambiente, aos recursos hídricos, ao patrimônio cultural, aos direitos humanos e dos povos, especialmente, os relativos às águas minerais (CRUZ, 2017; ALCÂNTARA, 2018). A ONG Nova Cambuquira é um ator que vem contribuindo com diversos discursos sobre as águas minerais. Estes discursos vêm moldando a sua identidade desde a sua fundação (FAIRCLOUGH, 2003).

Para Fairclough (2003) o discurso configura como atividade social, como representação e integra a constituição das identidades. Este artigo se interessa pelas

relações identitárias ligadas à ONG Nova Cambuquira, especialmente, considerando que a organização vem construindo resistências aos processos de exploração e privatização das águas minerais na região. Dessa forma, a partir do entendimento de que os discursos são modos de construção de identidades buscamos descrever a construção de uma identidade de resistência à exploração das águas no Sul de Minas Gerais, a saber, a organização da sociedade civil Nova Cambuquira. A seguir, apresentamos uma breve discussão sobre a relação entre identidade e discurso.

## **2. ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA DE FAIRCLOUGH E SIGNIFICADO IDENTIFICACIONAL**

A Análise de Discurso Crítica (ADC) proposta por Norman Fairclough é definida como um campo transdisciplinar (FAIRCLOUGH, 2003). Segundo Resende e Ramalho (2006, p. 14) “[...] isso significa que [a ADC] não somente aplica outras teorias como também, por meio do rompimento de fronteiras epistemológicas, operacionaliza e transforma tais teorias em favor da abordagem sociodiscursiva”. A ADC se propõe a:

A ACD [ADC] é a análise das relações dialéticas entre discurso (incluindo não apenas a linguagem verbal, mas outras formas de semiose, como a linguagem corporal e as imagens visuais) e os outros elementos das práticas sociais. No enfoque assumido por mim, a ACD está especialmente voltada para as mudanças radicais na vida social contemporânea, para os modos pelos quais o discurso está inscrito nelas e para

as configurações atuais da relação entre a semiose e os outros elementos sociais nas redes de práticas. Não é possível assumir o papel do discurso nas práticas sociais como dado, devendo ele ser estabelecido a partir da análise. E o discurso pode ser mais ou menos importante em conjuntos específicos de práticas, além de poder mudar no/com o tempo (FAIRCLOUGH, 2010, p. 226).

Dessa forma, compreender “[...] o uso da linguagem como prática social [que] implica compreendê-lo como um modo de ação historicamente situado, que tanto é constituído socialmente como também é constitutivo de identidades sociais, relações sociais e sistemas de conhecimento e crença” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 26-27). Considerando a proposta de Fairclough (2003), em que o autor dialoga com as macrofunções da linguagem de Halliday, temos três tipos de significado nos discursos: o acional, o identificacional e o representacional. Para Fairclough (2003) os discursos interagem nos eventos sociais por meio dos gêneros discursivos (significado acional), representam o mundo (significado representacional) e constroem e negociam as identidades (significado identificacional). Assim, “[...] a cada um desses modos de interação entre discurso e prática social corresponde um tipo de significado” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 60).

No significado identificacional o foco é o estudo de como o discurso também contribui para as construções identitárias. Afinal, “como parte dos modos de ser, o discurso constitui estilos, como os de administradores de negócios e os de líderes políticos” (FAIRCLOUGH, 2010, p. 226). Fairclough (2003) destaca as categorias

de análise: avaliação, modalidade e metáfora. A primeira se refere às afirmações avaliativas (juízo de valor) que estão sujeitas a uma escala de intensidade. Para Fairclough (2003, p. 166), a relevância da modalidade, para a construção discursiva de identidades é que “[...] o quanto você se compromete é uma parte significativa do que você é – então escolhas de modalidade em textos podem ser vistas como parte do processo de texturização de auto identidades”. A modalidade é importante para revelar relações hegemônicas, afinal, “o uso restrito de elementos modalizantes e a predileção por modalidades categóricas e por modalidades objetivas permitem que perspectivas parciais (discursos particulares) sejam universalizadas” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 85). Nesse processo é preciso desnaturalizar “entidades”, “consequências” e “fatos” que são representadas como desprovidas de alternativas.

Quanto à metáfora, ela permite realçar ou encobrir alguns aspectos representados. Para Fairclough (2003) quando se significa algo por meio de uma metáfora e não de outra, se revela elementos da identidade e como ele representa o mundo. Assim, “[...] todos os tipos de metáforas necessariamente realçam ou encobrem certos aspectos do que representam” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 88). Ainda é preciso destacar que a metáfora revela “[...] filiação a uma maneira particular de representar aspectos do mundo e de identificá-los” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 88).

Cabe notar que o significado identificacional pode ser discutido com relação ao de identidade em Habermas (2002) para o qual ela se constitui mediante a linguagem na

relação entre normas legítimas, aspectos culturais e a subjetividade da pessoa. Dessa forma, a identidade se constrói em processo de aprendizagem, socialização e aculturação. Nesse sentido, “nós descobrimos quem nós somos porque aprendemos, ao mesmo tempo, a nos ver numa relação com os outros” (HABERMAS, 1993, p. 99). Habermas (2002, 334-335) fala também nesse contexto da importância do reconhecimento, afinal, as identidades passam também por um processo de legitimidade e de reconhecimento de identidades coletivas, onde, “os próprios envolvidos precisam lutar em fóruns públicos pelo reconhecimento das interpretações reprimidas ou marginalizadas sobre suas carências, a fim de que novas situações factuais sejam reconhecidas como relevantes ou carentes de regulamentação [...]”.

### 3. METODOLOGIA DE PESQUISA

A pesquisa é descritiva e qualitativa (FLICK, 2009) e “[...] preocupa-se, primariamente, com o que faz certas coisas ocorrerem em casos específicos ou, de maneira mais etnográfica, que tipo de universo de significado existe em uma situação particular” (SAYER, 2000, p. 24). No caso, a formação identitária de uma organização não-governamental. Os dados para a pesquisa foram coletados por meio de pesquisa bibliográfica e documental, observação e entrevistas, conforme Quadro 1.

**Quadro 1** - Fonte de dados para a pesquisa

Fonte	Descrição
Pesquisa bibliográfica	<ul style="list-style-type: none"><li>• “Práticas de gestão das águas minerais e os movimentos deliberativos da gestão social no Circuito das Águas no Sul de Minas Gerais” (tese de doutorado).</li><li>• “Gestão social da água mineral no município de Cambuquira - Minas Gerais” (dissertação de mestrado).</li><li>• “Clamor das águas: a busca por nova identidade para as águas minerais no Brasil” (livro).</li><li>• “Ecologias das águas: o futuro em corrosão” (livro)</li></ul>
Pesquisa documental	<ul style="list-style-type: none"><li>• Editais (e minutas, além da Consulta Pública) e outros documentos e informações divulgadas sobre os mesmos em jornais, revistas e páginas da internet.</li><li>• Página da Nova Cambuquira no <i>Facebook</i>.</li><li>• Vídeos publicados por participantes da sociedade civil e de reportagens de TV; reportagens publicadas em sites de notícias regionais e locais.</li></ul>
Observação	<ul style="list-style-type: none"><li>• Visita à Cambuquira em 01/10/2019. Na ocasião visitamos o Parque das Águas, as fontes de águas minerais, passeamos pela cidade e bebemos das diferentes águas.</li><li>• Participação na palestra realizada no dia 09/10/2019 pela presidente da ONG Nova Cambuquira Ana Paula Lemes de Souza e Marcos Rodrigues na Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Cláudio.</li></ul>
Entrevista	<ul style="list-style-type: none"><li>• Entrevista com Ana Paula Lemes de Souza e Marcos Rodrigues da Nova Cambuquira. A entrevista foi realizada no dia 01 de outubro de 2019 em Cambuquira. A duração foi de aproximadamente 01 hora. Foi construído um roteiro que foi utilizado, no entanto, a entrevista fluiu de forma aberta se tornando um momento de interação entre os envolvidos.</li></ul>

**Fonte:** Elaborado pelos autores.

Para a análise dos dados utilizamos do significado identificacional do discurso de Fairclough (2003) e buscamos identificar qual identidade foi construída entendendo que existem diferentes tipos de identidades (CASTELLS, 1999). Castells (2003) ao tratar da construção da identidade nos informa que ela se relaciona com o significado e a experiência, isto é, identificação simbólica. Para o autor a identidade é “[...] processo de construção do significado com base num atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o (s) qual (is) prevalece (m) sobre outras formas de significado” (CASTELLS, 2003, p. 2). É possível identificar três formas: identidade legitimadora (introduzida pelas instituições dominantes), identidade de resistência (construída como resistência a outras) e identidade de projeto (pessoas ou grupos constroem uma nova identidade ao redefinir sua posição na sociedade). Portanto, a identidade é elemento fundamental para identificar a posição que a organização ocupa no amplo campo de

conflitos envolvendo as águas (ALCÂNTARA, 2018).

#### 4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A ONG Nova Cambuquira foi criada em 2001. Para os entrevistados ela surgiu em um momento em que se combatia os processos de privatização das águas minerais. Em São Lourenço, as águas minerais já estavam sob a “propriedade” da Nestlé e as fontes davam sinais de esgotamento. Cruz (2017, p. 144) reconhece: “A partir de 2001, um dos atores coletivos que mais ficaram em evidência nas discussões foi a ONG Nova Cambuquira. No ano de 2005, foi conferido a ONG Nova Cambuquira o título de Utilidade Pública Municipal e Estadual, alavancando mais ainda seu trabalho no município de Cambuquira”.

A ONG Nova Cambuquira, expõe em seus argumentos que a formação e desenvolvimento do município de Cambuquira ocorreu a partir das fontes de água mineral, que os

‘anos gloriosos’ do desenvolvimento do município estão relacionados ao turismo não exploratório, contrapõe e responde os argumentos do interesse estatal, não estatal e privados por meio de relatórios técnicos e decisões judiciais. Dessa forma, a ONG Nova Cambuquira mobilizou, nas esferas públicas, os discursos da água mineral como: chamariz para um turismo sustentável, patrimônio hídrico do município, dádiva divina, patrimônio da cidade, fonte de saúde e longevidade e, principalmente, bem comum (CRUZ, 2017, p, 150).

Conforme demonstra Cruz (2017) a organização foi fundamental para conscientizar a população local e da região sobre a importância das águas minerais e da proteção das mesmas. Em destaque, a organização se contrapõe aos processos de exploração dessas águas que como no caso de São Lourenço resultou em danos as fontes.

A organização trabalha fortemente em questões de publicização das informações, sendo estas as condutoras de opiniões sobre o assunto e principalmente, induzem para a conscientização de que a água deve ser considerada e regida sob a ótica de um bem público. Inclusive o engajamento e participação da população em questões decisivas sobre as fontes de água mineral se deu através de audiências e consultas públicas, protestos via redes sociais e presenciais no município. Toda a manifestação contou com a liderança da ONG, cuja afetividade pelas águas é tão vasta que estes a intitulam como ‘águas virtuosas’, ‘águas santas’ e ‘águas que saltam aos olhos’ (TEIXEIRA et al., 2019, p. 12).

A organização da sociedade civil Nova Cambuquira se identifica da seguinte forma:

Somos uma Organização da Sociedade Civil, sem fins lucrativos, criada com propósito de atuar na

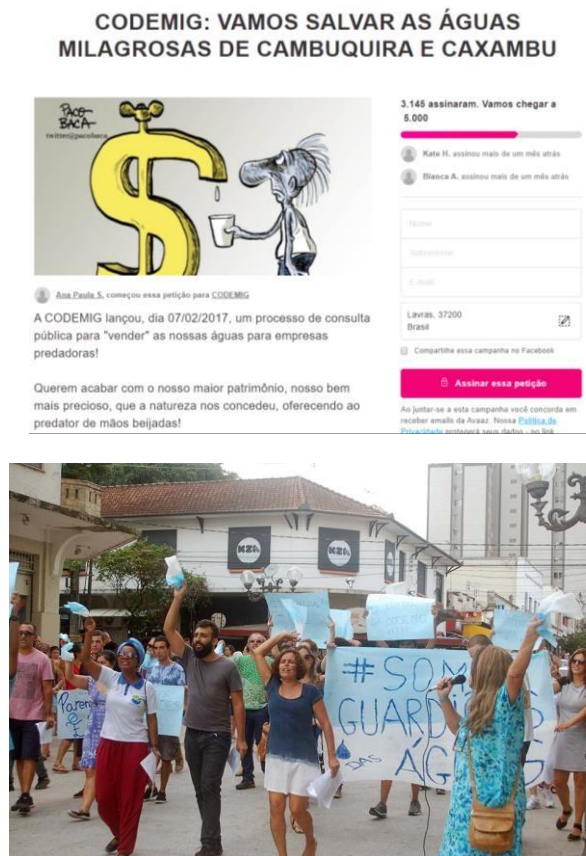
comunidade local, buscando a execução de projetos comunitários de objetivos culturais, sociais, ecológicos, educacionais, de entretenimento, de promoção do turismo, atuando no combate à corrupção e em ações de preservação do meio ambiente, em especial das águas mineralizadas. Possuímos Títulos de Utilidade Pública Municipal e Estadual, somos reconhecidos como Entidade Ambientalista pela Secretaria Estadual de Meio Ambiente – SEMAD [...] (NOVA CAMBUQUIRA, 2019).

Percebemos a importância da ênfase discursiva “criada com propósito” – caracterizando uma identidade de projeto nos termos de Castells (1999) e ainda a importância do reconhecimento da sua luta em prol das águas minerais no Circuito das Águas. No entanto, ela se apresenta, predominantemente, como uma identidade de resistência: “A Nova Cambuquira tem, em seu histórico de 18 anos de lutas, muitas vitórias” (NOVA CAMBUQUIRA, 2019). A luta ocorre, por exemplo, com ações judiciais na qual foi vencedora: “Ações judiciais que impediram exploração indevida e garantiram proteção das águas mineralizadas de Cambuquira [...]” (NOVA CAMBUQUIRA, 2019).

Podemos dizer que sua fundação foi motivada basicamente pela necessidade de lutar em prol da preservação das águas, já se tem registros de conflitos que envolvem essas águas, e que está diretamente ligado ao desejo de “uso exclusivo” delas (pelo Estado e pelas empresas) e de auferir lucro com sua exploração. Nos conflitos, a Nova Cambuquira construiu uma identidade de resistência, por exemplo, em 2017, quando surgiu um dos conflitos mais marcantes, segundo a visão da presidente da organização. O edital lançado pela CODEMIG para uma parceria público-privada

para realizar a exploração das águas minerais de Cambuquira e Caxambu, tratava-se, na visão da Nova Cambuquira, tratava-se de um processo para privatizar as águas e que poderia levar a um processo de (super) exploração das mesmas. Resistências ocorreram por meio de abaixo-assinado e protestos (Figura 1).

**Figura 1** - Resistência a exploração das águas minerais



**Fonte:** Pesquisa documental.

A construção identitária “nós somos as águas”, utilizada por membro da ONG Nova Cambuquira revela muito dessa dinâmica, da resistência às identidades atribuídas a água e construídas em torno delas no seu entendimento apenas como minério. A identidade é importante neste estudo pelas palavras dos próprios atores locais, de que as águas são elementos da identidade de Cambuquira e que a cidade foi formada em volta das águas (CRUZ, 2017).

Dessa forma, identificamos que a missão da organização está ligada diretamente a uma visão da mesma sobre a relevância das águas minerais – com quem constroem uma ideia de unidade identitária. Em uma entrevista presente em Alcântara (2018, p. 166) a presidente da ONG afirmou: “O que a gente está fazendo mais ainda do que preservar a fonte, é preservar essa construção coletiva que é essa história, que é essa cultura, que é esse elemento identificador da água, em conjunto com as experiências dos povos das águas, toda essa herança que a gente recebeu aqui”. E em outro momento (ALCÂNTARA, 2018, p. 165) afirmou: “[...] os nossos valores é manter acessa essa chama para que outras pessoas possam se identificar futuramente como guardiões das águas [...]”. Aqui se está presente um conjunto de significados identificacionais que podemos acessar pelas metáforas.

A noção identitária fica clara em símbolos relacionados à ONG como a própria “logo” e as imagens criadas para dois fóruns (I e o II Fórum Alternativo das Águas Minerais) que realizou em parceria com outras organizações.

**Figura 2** - Símbolos identitários (ONG Nova Cambuquira)





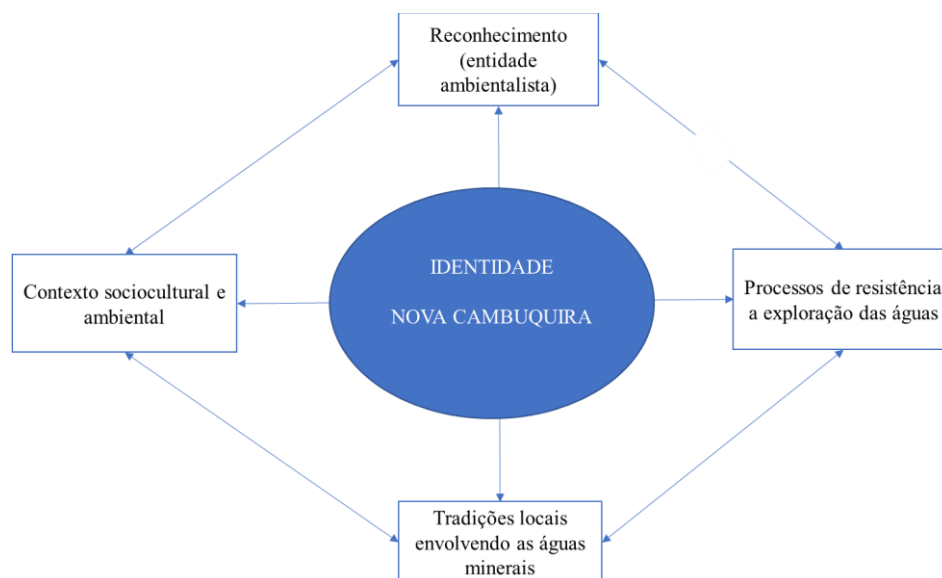
**Fonte:** Pesquisa documental.

Desde a sua “logo” que destaca as cores relacionados as “águas” compartilhando espaço com o “verde”, até as duas representações construídas para divulgar os fóruns, estão presentes marcas identitárias. O I Fórum representa a própria noção de identidade a partir das águas: a identidade formada nas águas (dentro

da gota encontra-se uma digital humana). No II Fórum a gota d’água é perpassada pela representação do DNA indicando o que muito se ouve destas pessoas: as águas fazem parte dos corpos dos povos da região – dos povos das águas.

A Nova Cambuquira vem mobilizando diversas ações, desde a conscientização nas escolas, na construção de processos jurídicos, em protestos em ruas, na mobilização em redes sociais e outras atividades de proteção e preservação das águas, bem como de contestação dos instrumentos para exploração das águas minerais como um negócio. Na Figura 2 apresentamos elementos importantes na construção de identidade da Nova Cambuquira: a busca por reconhecimento, o contexto sociocultural e ambiental da região, os processos de resistência e as tradições locais.

**Figura 3** - Elementos importantes na construção de identidade da Nova Cambuquira



**Fonte:** Elaborado pelos autores.

Finalmente, verificamos que a Nova cambuquira se compromete com uma perspectiva contrária às das empresas que engarrafam as águas quando significamos algo por meio de uma metáfora e não de outra estamos construindo nossa realidade de uma maneira e não de outra, o que

e também do Estado (que representa as águas minerais como “minério” e “negócio”). Nos termos de Fairclough (2003) a organização se compromete na sua construção identitária com uma oposição a visão economicistas das águas minerais. Nas metáforas, entendemos que “[...]”

sugere filiação a uma maneira particular de representar aspectos do mundo e de identificá-los” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 88). Portanto,



se água é saúde, vida e bem comum, não é minério. De outra forma, o léxico da Nova Cambuquira diverge daquele pautado pela ordem do discurso econômico (mercadoria, negócio, produto etc.).

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Descrevemos neste artigo a construção de uma identidade de resistência à exploração das águas no Sul de Minas Gerais, a saber, a organização da sociedade civil denominada “Nova Cambuquira”. Identificamos que a Nova Cambuquira se constituiu prioritariamente de uma identidade de resistência. As várias falas dos membros da organização contribuem para a construção identitária coletiva. Por exemplo, a construção “nós somos as águas” mostra a resistência ao uso das águas como negócio: “água não é mercadoria”.

No entanto, uma identidade de resistência também se torna uma identidade de “projeto” como foi o caso da organização. Isso fica claro quando a atuação ONG Nova Cambuquira, atualmente, vai muito além de resistir aos editais de exploração das águas minerais e desenvolve práticas de responsabilidade socioambiental, de controle social, de desenvolvimento sustentável e segurança hídrica. Por fim, nos processos de identificação existe um “outro” externo que molda os contornos da Nova Cambuquira: a

CODEMGE, as empresas engarrafadoras e qualquer ator social (público, privado ou da sociedade civil) que considera as águas minerais como apenas uma mercadoria.

Por fim, a identidade é importante neste estudo pelas palavras dos próprios atores locais, de que as águas são elementos da identidade de Cambuquira e que a cidade foi formada em volta das águas. Por fim, lembramos que a “identificação precisa de um “outro” que mesmo exterior “[...] é ‘constitutivo’ da identidade do grupo” (VANDERBERGHE, 2010, p. 227). No caso da ONG Nova Cambuquira os elementos exteriores são a CODEMIG, as empresas engarrafadoras e qualquer ator social (público, privado ou da sociedade civil) que considera as águas minerais como apenas uma mercadoria.

Em pesquisas futuras indicamos: (a) aprofundar estudos sobre como foram articulados movimentos de resistência à exploração econômica das águas minerais no Circuito das Águas de Minas Gerais; (b) compreender como a Nova Cambuquira mobilizou recursos materiais e simbólicos nos conflitos em torno das águas minerais e (c) analisar as estratégias de comunicação adotadas para publicizar a questão da exploração das águas minerais.

## REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, V. C. **Práticas de gestão das águas minerais e os movimentos deliberativos da gestão social no Circuito das Águas no sul de Minas Gerais**. 2018. 234 p. Tese (Doutorado em Administração) – Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2018.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999

CRUZ, E. S. T. **Gestão social da água mineral no município de Cambuquira - Minas Gerais**. 2017. 186 p. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2017.

FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse**. London; New York: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, N. A dialética do discurso. **Revista Teias**, v. 11, n. 22, p. 225-234, 2010.

FLICK, U. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. São Paulo: Editora ARTMED, 2009.

HABERMAS, Jürgen. **Passado como futuro**. Trad. de Flávio Beno Siebeneichler. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

HABERMAS, Jürgen. **A inclusão do outro**. Tradução de George Sperber e Paulo Astor Soethe. São Paulo: Loyola, 2002.

NOVA CAMBUQUIRA. Disponível em: <<https://novacambuquira.000webhostapp.com/>>. Acesso em 25 de out. de 2019.

RESENDE, V. M. e RAMALHO, V. **Análise de Discurso Crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

SAYER, A. Características-chave do realismo crítico na prática: um breve resumo. **Estudos de Sociologia**, v. 6, n. 2, p. 7-32. 2000.

TEIXEIRA, T. S.; ALCÂNTARA, V. C.; PEREIRA, J. R.; CABRAL, E. H. S.; ARAÚJO, E. T. T. Conflitos de interesses pelo uso das águas minerais: um estudo em Cambuquira. In: Congresso do Instituto Franco Brasileiro de Administração de Empresas, 10., 2019, Uberlândia. **Anais...** Uberlândia: IFBAE, 2019.

VANDENBERGHE, F. Uma ontologia realista para a sociologia: morfogênese da sociedade e estruturação das subjetividades coletivas. In: VANDENBERGHE, Frédéric. **Teoria Social Realista: um diálogo franco-britânico**. Belo Horizonte (MG): Editora UFMG/ Rio de Janeiro (RJ): IUPERJ, 2010g. pp.183-256.